

Natali Allas dos SANTOS*
 <https://orcid.org/0000-0002-5392-0922>

O TRABALHO DO ARTE-EDUCADOR COM CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA PSICANALÍTICA: UM OLHAR PARA A SUBJETIVIDADE

PSYCHOALYTIC THEORY CONTRIBUTIONS FOR ART EDUCATOR'S WORK: A LOOK AT SUBJECTIVITY

Recebido em: 19 de dezembro de 2017
Aprovado em: 07 de maio de 2018

RESUMO

Este artigo aborda o trabalho do arte-educador com enfoque na subjetividade dos indivíduos professor e aluno. Os motivos que impulsionaram a pesquisa decorreram das inquietações e questionamentos oriundos da minha experiência como arte-educadora em escolas públicas de Campo Grande, MS. Dado meu interesse em compreender melhor o sujeito dentro do contexto das aulas de Arte, identifiquei na Psicanálise relevante subsídio teórico. Os estudos em Psicanálise voltados para Educação são uma das bases desta pesquisa bibliográfica, que também contempla minha inscrição como sujeito autoral. A fim de pensar o ensino de Arte do ponto de vista do indivíduo (professor e aluno) e sua psique, recorro aos conceitos psicanalíticos de aparelho psíquico, consciente, inconsciente e desejo. Dentre os inúmeros autores utilizados nesta pesquisa destaco Ana Mae Barbosa, Duarte Júnior, Elisabeth Roudinesco, Fabio Herrmann, Leandro de Lajonquière e Maria Cristina Kupfer que têm abordagens situadas nos campos da Arte, Educação e Psicanálise. As discussões apresentadas a seguir instigam o professor a refletir sobre seu trabalho, suas atitudes e modos de se relacionar com o aluno, bem como buscar alternativas para enfrentar os desafios da profissão docente. O conhecimento em profundidade do sujeito (aluno) possibilita ao professor o desenvolvimento de sua responsabilidade profissional e maturidade afetiva. Ao pensar em seu trabalho no contato com o aluno para além das convenções metodológicas disciplinares (im)postas pela Educação tradicional, o professor amplia sua percepção acerca da docência e tem a possibilidade de assumi-la com todas as suas demandas e limitações.

Palavras-chave: Ensino de Arte. Formação Docente. Psicanálise.

ABSTRACT

This paper approaches art educator's work focused on teacher and student's subjectivity. The purposes that pushed this research up are due to questions and concerns resulting from my personal experience as an art educator at public schools in Campo Grande, MS. Given my interest to better understand the subject into Art class context, I could find relevant theoretical subsidy in Psychoanalysis. Psychoanalysis studies focused on Education are one of the bases for this bibliographic research that also envisage my application as an author. In order to think about Art teaching from individual's point of view (teacher-student) and their psyche, I appeal to the psychoanalytic concepts of psychic apparatus, conscious, unconscious and yearning. Among several authors researched in this paper Ana Mae Barbosa, Duarte Júnior, Elisabeth Roudinesco, Fabio Herrmann, Leandro de Lajonquière and Maria Cristina Kupfer are

* Aluna regular do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Desenvolve no programa pesquisa com a orientação da Profa. Dra. Gabriela Di Donato Salvador Santinho. Licenciada em Artes Cênicas e Dança pela UEMS/2016. Participa do grupo de pesquisa APE-IPÊ - Aliança de Pesquisa e Extensão Interdisciplinar em Percursos Criativos e Estéticas, cênicas.nataligaiao@yahoo.com.br



highlighted, they present Art, Education and Psychoanalysis approaches. The following discussions present in this paper, instigate teachers to reflect about their work, attitudes and the way they interact with students, as well as look for alternatives to face teaching challenges. The depth knowledge about the subject (student) enables teachers to develop their responsibility and affective maturity. When thinking about their job and being in touch with students beyond disciplinary methodological conventions (im)posed by traditional Education, teachers can expand their perception about teaching and are also able to assume them together to all their demands and limitations.

Keywords: Art teaching. Teaching graduation. Psychoanalysis

1 INTRODUÇÃO

Espera-se que, munido dessas informações, o professor possa pensar, identificar-se; que possa, como um canibal, “arrancar pedaços” dessas ideias e atribuir-lhes outros sentidos; que possa digeri-las a seu modo e com elas alimentar o seu fazer diário na sala de aula (KUPFER, 1989, [não paginado]).

Em meu trabalho como arte-educadora da educação básica¹, sempre dediquei atenção especial para a compreensão de questões relacionadas ao comportamento e relações que se estabelecem entre os indivíduos professor e aluno. Interessa-me observar o aluno, perceber seu comportamento, suas reações durante as aulas e formas de se relacionar com o professor. Também me preocupo com a maneira como o professor percebe e lida com a realidade das aulas de arte no contato com o aluno. Diante disso, algumas questões surgem e exigem de mim a busca por respostas: Que elementos permeiam as relações entre professor e aluno? Tais sujeitos influenciam um ao outro com suas ações e comportamentos? De que maneira suas subjetividades impactam nas aulas de arte?

Dúvidas e inquietações surgem a cada aula que ministro e me impulsionam a pesquisar, tentar compreender e elaborar caminhos didáticos mais adequados à realidade em que me encontro e aos alunos com os quais trabalho. As explicações que busco retratam minha preocupação em construir uma prática docente cada vez mais consciente, responsável e transformadora.

Dado meu interesse em compreender melhor o sujeito — neste caso, o professor e o aluno — no/do contexto das aulas de Arte, identifiquei na Psicanálise² relevante subsídio teórico. A Psicanálise

Conclui minha graduação em Artes Cênicas e Dança pela UEMS em dezembro de 2016. Desde o Estágio Supervisionado Obrigatório, realizado durante a graduação, já lecionei em várias escolas públicas de Campo Grande (seja na condição de estagiária, professora substituta ou contratada), em turmas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nesta pesquisa tratarei de tópicos da minha experiência com alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

² Sobre o termo “psicanálise”, o psicanalista Fábio Herrmann detalha: “como Freud mesmo escreveu, o termo “psicanálise” tem três sentidos: é o método interpretativo, mas significa também uma forma de tratamento psicológico (ou psicoterapia analítica) e é igualmente o nome do conhecimento que o método produz (ou teoria

é uma ciência que estuda os fenômenos humanos, que interpreta o funcionamento da mente (sobretudo o inconsciente), “que busca penetrar na dimensão profunda do psiquismo humano para conhecê-lo” (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 13). A Psicanálise possui relevantes estudos sobre o indivíduo e, por isso, é utilizada nesta pesquisa, que aborda algumas questões subjetivas presentes em minha experiência como arte-educadora no contato com o aluno.

O estudo específico da teoria psicanalítica se deu pela leitura de autores como Elisabeth Roudinesco, Fabio Herrmann e Garcia-Roza. Os estudos em Psicanálise voltados para Educação³ são uma das bases da presente pesquisa bibliográfica e as ideias dos autores Leandro de Lajonquière, Maria Cristina Kupfer e Regina Lúcia Sucupira Pedroza subsidiam as discussões. Para tratar das especificidades do ensino de Arte, valho-me das reflexões de Ana Mae Barbosa, Duarte Júnior e Célia Maria de Castro Almeida.

A oportunidade de incluir na pesquisa meus relatos e percepções da experiência como arte-educadora se deu graças ao olhar crítico-biográfico do meu orientador — Prof. Dr. Marcos Antônio Bessa-Oliveira — que reconheceu a relevância da minha inscrição na pesquisa como sujeito autoral e produtor de conhecimento. Ao trazer minhas impressões e saberes constituídos ao longo da vida (social e acadêmica), relacionando-os às novas experiências profissionais e estudos em Psicanálise, tenho a possibilidade de conjugar conhecimentos de diversas áreas e produzir novos saberes. O objeto de análise não está distante do autor/pesquisador que se faz presente na própria escrita por meio de suas experiências:

A enunciação crítico-biográfica [...] reivindica, dentre outros direitos, o de uma política identitária relacionada à posição do sujeito diante do objeto, o que implica o papel contraditório do autor, ao reconhecer tanto a construção precária de si como sujeito quanto a necessidade de se assumir como cidadão. O caráter heterogêneo das práticas discursivas exige a inserção do componente biográfico como resposta aos procedimentos analíticos anteriormente pautados pela objetividade e pelo distanciamento excessivo do sujeito da enunciação [...] Diante dessa demanda de ordem cultural e política, o texto teórico e reflexivo se mantém no limite entre a confissão naturalizada da experiência do autor e a sua reelaboração imaginária, pólos que se associam e se chocam no ato da escrita (SOUZA, 2002, p. 110-111).

A fim de pensar o ensino de Arte do ponto de vista do indivíduo (professor e aluno) e sua psique, recorro aos conceitos psicanalíticos de *aparelho psíquico*, *consciente*, *inconsciente* e *desejo*. As discussões apresentadas nesta pesquisa estão diretamente ligadas ao trabalho do arte-educador, pois abordam questões relativas à sua prática docente. As ideias que se constroem no texto instigam o professor a refletir sobre seu trabalho, atitudes e modos de se relacionar com o aluno, bem como buscar

psicanalítica)” (1999, p. 24). O método e a ciência como um todo são grafados com inicial maiúscula (Psicanálise) e a terapia ou análise é grafada com inicial minúscula (psicanálise).

³ Vale esclarecer que, por abordar os estudos psicanalíticos voltados para Educação, a pesquisa não prioriza os textos escritos diretamente por Sigmund Freud (médico e pesquisador que estruturou a Psicanálise ao longo de sua vida), mas recorreremos àqueles elaborados por psicanalistas e estudiosos voltados para área da Educação.

alternativas para lidar com as demandas e desafios da profissão. O conhecimento em profundidade do sujeito possibilita ao professor o desenvolvimento de sua responsabilidade profissional e maturidade afetiva. Ao pensar em seu trabalho no contato com o aluno para além das convenções metodológicas disciplinares (im)postas pela Educação tradicional, o professor amplia sua percepção acerca da docência e tem a possibilidade de assumi-la com todos os seus desafios.

2 ESTRUTURA PSÍQUICA DO INDIVÍDUO: CONSCIENTE, INCONSCIENTE E DESEJO

É o momento da aula de Arte: plano de aula elaborado, conteúdo estruturado, objetivos definidos. O caminho didático está posto, os procedimentos metodológicos parecem adequados para contemplar o que fora planejado. Tudo parece sob controle e estável, para o professor, mas este cenário muda drasticamente com a presença do aluno, sujeito que observa, pensa, sente, deseja, transforma. O professor é colocado diante de um imenso desafio que envolve vontade, necessidade, expectativa, idealização e realidade. O que era para ser uma aula com desenvolvimento bem definido, torna-se uma inquietante experiência para o professor no contato com o aluno e sua subjetividade (o que ele deseja, o que ele sente, seus conflitos, medos e impulsos). O planejamento do professor, suas intenções didáticas e sensações são influenciadas pela presença do aluno, seu comportamento e vontades. As atividades preparadas são modificadas quando o professor se depara com o aluno, sujeito real que difere daquele sujeito, por vezes, idealizado pelo professor e pela Educação: sujeito obediente, passivo, previsível e agradável.

A forma como o professor percebe e recebe o aluno transforma e modifica sua prática. Conhecer o sujeito aluno para além dos superficiais diagnósticos de indisciplina, teimosia, desinteresse e descaso torna-se essencial para a compreensão das situações que ocorrem em sala de aula. Um olhar superficial do professor para o aluno leva à tomada de atitudes inadequadas diante de questões tão abrangentes que envolvem subjetividade e desejo.

Entender o indivíduo em profundidade é (re)conhecer seu comportamento, sentimentos e percepções, de modo a perceber como tais elementos se fazem presentes e influenciam a prática docente. Ao pensar no indivíduo a partir de seu psiquismo⁴, ampliamos a percepção sobre ele e entendemos sua singularidade. Torna-se necessário conhecer a estrutura psíquica que compõe o indivíduo, esteja ele na figura de professor ou de aluno.

⁴ Relativo à psique humana, aos processos mentais, seus fenômenos e procedimentos; as características psicológicas de um indivíduo, que incluem a personalidade, sentimentos, pensamentos e comportamentos. LEVY, Edna G. Disponível em: <<http://sandplay.jogodeareia.com.br/psicologia-analitica/psique/>> Acesso em: 02 nov. 2016.

A ideia de aparelho psíquico, estruturada inicialmente por Sigmund Freud como um modelo explicativo para tratar do psiquismo e seus processos, nos ajuda a compreender melhor o indivíduo a partir de suas características psicológicas, relativas à mente, e processos que definem sua personalidade. De acordo com a teoria da psicanálise, o indivíduo é dividido em duas formas de funcionamento, a consciente e a inconsciente, em que prepondera esta última (TOREZAN; AGUIAR, 2011).

Por consciente entende-se todo conteúdo mental que o indivíduo conhece e percebe, como sua compreensão objetiva de mundo, as lembranças e sonhos. Tudo que o indivíduo percebe é consciência (HERRMANN, 1999). As autoras Shirahige e Higa esclarecem que “um conteúdo mental para ter acesso à consciência precisa ser um acontecimento perceptível” (2004, p. 20). Sendo assim, o que não é percebido ou conhecido pelo indivíduo não é consciente, mas sim inconsciente.

Conforme definem Roudinesco e Plon no Dicionário de Psicanálise, “o inconsciente é um lugar desconhecido pela consciência: uma “outra cena” [...] mas que se revela a ela através dos sonhos, dos lapsos, dos jogos de palavras, dos atos falhos etc” (1998, p. 375). Os acontecimentos psíquicos são determinados pela lógica do inconsciente. Porém,

[...] isso implica dizer que o inconsciente não é o caos, o mistério, o ilógico, e que as formações do inconsciente – sonhos, chistes, lapsos e atos falhos, apontados na teoria freudiana como formas metafóricas de manifestação do inconsciente – indicam, mais uma vez, a existência de um sujeito não unificado (TOREZAN; AGUIAR, 2011, p. 531-532).

De acordo com Herrmann, o inconsciente é um lugar que, hipoteticamente, opera na mente das pessoas e que permite descobrir e revelar sentidos. O inconsciente não é uma coisa ou lugar, mas uma forma. Seguindo a mesma ideia, Garcia-Roza diz que o inconsciente “não é o mais profundo, nem o mais instintivo, nem o mais tumultuado, nem o menos lógico, mas outra estrutura, diferente da consciência, mas igualmente inteligível” (2009, p. 173).

O inconsciente é definido por Shirahige e Higa como sendo “o lugar teórico dos impulsos instintivos⁵ ou pulsões e das representações reprimidas⁶ ou daquelas que nunca puderam chegar à consciência” (2004, p. 20).

De acordo com Torezan e Aguiar, o pesquisador Sigmund Freud interpretou o inconsciente como sendo:

⁵ Instinto seria a “[...] carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 628). São os instintos que impulsionam a personalidade e o comportamento do indivíduo, determinando sua direção. Podemos entender o instinto como sendo “a quantidade de energia psíquica necessária para movimentar as diferentes operações da personalidade” (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 22).

⁶ “Na psicanálise, reprimir é um ato psíquico que objetiva suprimir da consciência um afeto ou ideia cujo conteúdo é desagradável” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 659). As forças ou impulsos instintivos contrários às regras da sociedade (como perversão e agressão) são censurados e por isso, proibidos de chegarem à consciência, não podendo ser representados por esta (SHIRAHIGE; HIGA, 2004).

[...] uma instância psíquica marcada por uma particular maneira de operar, regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência. Além de ser caracterizado como um sistema com lógica própria e, via de regra, adversa à da consciência, o inconsciente, para Freud, é o que genuinamente constitui a subjetividade, e não apenas um indesejável detalhe da mesma (2011, p. 531).

O inconsciente é uma estrutura particular e determinante da subjetividade e esta é primordialmente orientada pelo inconsciente (TOREZAN; AGUIAR, 2011).

A partir do entendimento inicial sobre o inconsciente, podemos conhecer o desejo que nele habita e impulsiona as ações do indivíduo. Elisabeth Roudinesco define desejo como sendo “a propensão, o anseio, a necessidade, a cobiça ou o apetite, isto é, qualquer forma de movimento em direção a um objeto cuja atração espiritual ou sexual é sentida pela alma e pelo corpo” (1998, p. 146). Roudinesco explica que nos estudos de Freud a noção de desejo se encontra no âmbito do inconsciente. O desejo seria a necessidade de realização de uma vontade inconsciente. Para Fabio Herrmann, “é o desejo que produz nossas emoções. É ele uma espécie de matriz, que permite (e obriga) alguém possuir certo repertório de emoções e não outro qualquer” (1999, p. 35). O desejo humano pode estar contido no próprio indivíduo ou em suas obras: numa lenda, obra de arte ou situação social (HERRMANN, 1999).

Este sobrevoos pela psique humana por meio de conceitos psicanalíticos revela a existência da complexa estrutura psíquica que compõe o indivíduo e desenvolve sua personalidade, comportamento e sentimentos. Professor e aluno também funcionam de acordo com esta estrutura e suas relações são permeadas pelo inconsciente e pelo desejo. Entretanto, saber da existência do inconsciente e da impossibilidade de controlá-lo não deve gerar em nós uma entrega ao imponderável ou uma paralisia diante daquilo que não controlamos. Pelo contrário, com isso, reconhecemos as limitações de nossa profissão e passamos a atuar com menos rigor diante de questões que não cabe a nós administrar.

Conhecer a impossibilidade de controlar o inconsciente pode levar a uma posição ética de grande valor, pois nos coloca diante de nossos verdadeiros limites, e nos reduz à nossa impotência. Por outro lado, também pode ser um saber paralisante. A radicalidade da existência do inconsciente obrigaria, no limite, a que se cruzassem os braços, aceitando uma entrega ao imponderável? Significaria uma renúncia a toda a construção civilizatória, já que está fundada exatamente na negação do inconsciente e na afirmação dos poderes da consciência e da razão? É preciso deixar os exageros à parte para buscar um ponto de equilíbrio em que o educador possa beneficiar-se do saber psicanalítico sem, contudo, abandonar a especificidade de seu papel [...] (1989, p. 75-76).

Como arte-educadores, devemos reconhecer a dimensão e os limites do nosso trabalho, tomando consciência daquilo que nos compete e daquilo que diz respeito às questões subjetivas do aluno. Porém,

isso não diminui nossa responsabilidade em relação às influências que exercemos sobre o aluno e sua psique. De acordo com Mauco (1979 apud PEDROZA, 2010), o educador exerce mais influência na criança no campo inconsciente do que no consciente. As influências do professor sobre o aluno não se dão apenas por meio de sua fala e ações, mas na sua constituição como indivíduo. O que somos e a maneira como pensamos e agimos se apresentam em nossas aulas e influenciam o aluno.

As relações existentes entre professor e aluno são diversas e estão permeadas pelos desejos inconscientes de cada um. Tais desejos são por vezes conflitantes entre si e causam ruídos na relação. O desejo que move o professor para a sala de aula não é o mesmo que impulsiona o aluno a estar ali. O desejo do professor é revelado em suas ações e exigências que faz ao aluno. Porém, como o aluno deseja outra coisa, as vontades do professor não são atendidas e isso gera nos indivíduos um desencontro que pode ser frustrante e limitador.

Na escola, o desejo de saber do aluno se confronta com o desejo do professor, que está ligado a um ideal pedagógico colocado por ele mesmo, desde o início, e que se interdita ao mesmo tempo em que se mostra ao aluno. O professor espera do aluno um saber que lhe falta, e o aluno, por sua vez, se defende com medo de se ver frustrado no produto do seu trabalho. O aluno se encontra numa relação de poder, sujeito a um desejo inconsciente do professor, que pode chegar a ser bloqueador (PEDROZA, 2010, p. 82).

Os desejos do professor e do aluno, embora não sejam os mesmos, são confrontados durante a aula, que, por esse motivo, tomam um caráter imprevisível e inquietante. Cabe ao professor ter consciência do desejo que o leva para a sala de aula. Depois é preciso abrir mão deste desejo para ali estar: “aliás, é exatamente esse desejo que o impulsiona para a função de mestre [...] só o desejo do professor justifica que ele esteja ali. Mas, estando ali, ele precisa renunciar a esse desejo” (KUPFER, 1989, p. 94). O desejo inconsciente quando em contato com a realidade, fica impossibilitado de ser atendido devido às necessidades do convívio social.

Muitas vezes, a relação entre professor e aluno é permeada pelo poder representado na imposição da vontade do professor sobre o aluno, restando ao aluno apenas acatar as exigências do mestre. Entretanto, se reconhecemos a importância do sujeito da aprendizagem (aluno) no ato de educar, abrimos mão dessa relação de poder que visa a atender apenas aos interesses do professor.

3 O TRABALHO DO ARTE-EDUCADOR COM CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA PSICANALÍTICA

O trabalho do professor, além das questões relativas ao conhecimento disciplinar e metodológico, pode abranger a compreensão do indivíduo e sua psique como um meio de criar instrumentos para o estabelecimento de relações mais adequadas e saudáveis em sala de aula. Como defende Regina Pedroza, é importante que o professor possua uma maturidade afetiva para o estabelecimento de uma boa relação com o aluno, pois: “a relação professor-aluno depende, em grande medida, da maturidade afetiva do professor. Se esta lhe permite resolver suas próprias dificuldades, ele poderá ajudar a criança a viver e a resolver as suas” (2010, p. 83). É relevante ao professor perceber o aluno como um sujeito singular, que possui desejos inconscientes que se manifestam em sua fala e comportamento.

Ao compreender o indivíduo de maneira abrangente, o professor age com mais responsabilidade e maturidade. O respeito se constrói na relação entre professor e aluno como consequência de um processo de identificação e entendimento do eu e do outro. A postura do professor diante do comportamento do aluno — principalmente quando diagnosticado como indisciplinado, agressivo, desobediente, agitado — toma outros rumos que não se valem de práticas, lamentavelmente, ainda presentes no cenário da educação escolar, como a imposição, tratamento desrespeitoso, agressão ou punição, retirada de direitos básicos do aluno (como merenda, recreio e brincadeira).

O professor deve atuar em parceria com o aluno e não em oposição a ele e a tudo que o constitui psicológica, cultural, social e historicamente. Seria possível o professor estimular no aluno a expressividade, criatividade e sensibilidade impondo sobre ele as suas próprias vontades? Seria possível proporcionar ao aluno a experiência em arte sem o diálogo, escuta atenta e respeito? Seria possível desenvolver a contento aulas de arte quando o professor está em conflito com o aluno, quando não o compreende, não sabe lidar com seu comportamento e não considera suas preferências e vontades?

O conhecimento da terapia psicanalítica permite ao professor refletir sobre as práticas educativas e melhorar a qualidade do seu trabalho. Por meio da análise⁷ de suas ações, o professor compreende várias situações que ocorrem nas aulas.

⁷ Esta análise pode ocorrer de forma teórica ou terapêutica. Nesta última, denominada análise ou terapia, ocorre um tratamento psicológico feito pelo analista, onde por meio da fala o paciente expõe o que sente, pensa e percebe. Com auxílio do analista, conteúdos mentais inconscientes são trazidos para a consciência, permitindo ao paciente entender muitas questões que ocorrem em sua vida. O analista dá oportunidade para que o desejo inconsciente do paciente seja manifestado por meio da palavra. A terapia psicanalítica é um caminho de descoberta constante (Herrmann, 1999). Ela auxilia, entre outras coisas, no autoconhecimento e superação de conflitos, traumas e medos. A análise por meio de uma abordagem teórica seria o estudo da teoria psicanalítica voltado para a Educação, de modo a permitir ao professor pensar sobre sua prática ao entender melhor o sujeito e sua psique. Na presente pesquisa abordo essencialmente as contribuições da Psicanálise do ponto de vista teórico e não analítico. Esta escolha é para enfatizar a importância da postura do professor como pesquisador de sua própria

A contribuição da Psicanálise [...] certamente não é de uma aplicabilidade direta às situações educativas. No entanto, sua contribuição está na possibilidade de trazer ao consciente, a partir da análise das práticas educativas, conteúdos do inconsciente do professor de forma a elucidar o porquê de algumas ações em sala de aula (PEDROZA, 2010, p. 90).

Ao observar, pensar, tentar entender e realizar pesquisas sobre o trabalho docente, o professor assume a responsabilidade de sua profissão. Ao tentar entender suas atitudes, vontades e escolhas, o professor, conseqüentemente, direciona o olhar para o indivíduo e sua subjetividade, o que lhe permite compreender com mais clareza o aluno e as situações que ocorrem em sala de aula (PEDROZA, 2010).

Quando o professor toma consciência de suas ações, ele se torna agente atuante e transformador de sua própria prática, podendo repensar posturas, renunciar ao que é inadequado e construir novos caminhos. Semelhante ao pensamento de Pedroza sobre a contribuição da Psicanálise para a Educação, Shirahige e Higa afirmam que a Psicanálise possibilita ao educador “reavaliar suas atitudes, suas práticas do cotidiano da sala de aula e sua concepção acerca da aprendizagem e serve para lembrá-lo de que possui os mesmos aparatos psicológicos do aprendiz” (2004, p. 41-42).

A Psicanálise ao se dedicar à compreensão do indivíduo e sua psique, torna-se ferramenta útil para o professor, que ao conhecer melhor suas vontades, sentimentos e emoções, aprimora seu preparo para o contato com o aluno. Como explica Pedroza, “é dessa maneira que a psicanálise pode ajudar o educador, permitindo a possibilidade de uma compreensão em profundidade do sujeito, no que ele tem de mais pessoal e de mais íntimo” (2010, p. 83). A Psicanálise se apresenta como aliada do professor no enfrentamento das situações e problemas do cotidiano escolar, principalmente aqueles relacionados ao conhecimento de si próprio, de suas lembranças, história pessoal e afetos (PEDROZA, 2010).

Entretanto, a Psicanálise não é um receituário ou guia que fornece ao professor os caminhos a serem seguidos na prática docente. Ela não diz ao professor o que fazer e como fazer. Longe de ser um manual, a Psicanálise possibilita que o professor assuma seus próprios caminhos, escolhas e renúncias. Os problemas educacionais são de responsabilidade do professor, e disso não podemos nos esquecer:

Justamente, a psicanálise não deve dizer o que fazer. Ninguém pode dizer o que fazer [...] A minha hipótese é que ninguém, nem a psicanálise pode dizer o que fazer. Entretanto, a psicanálise pode dizer o que não deve ser feito. Então, o que vai ser feito depende do que as pessoas queiram fazer. Eu recoloco os rumos da educação nas mãos dos educadores (LAJONQUIÈRE, 1999, [não paginado]).

Considerar os conhecimentos psicanalíticos na formação do arte-educador é fornecer ao professor subsídios para o enfrentamento das dificuldades de sua prática diária, principalmente no

prática por meio da reflexão, da busca por novos conhecimentos, da reformulação de suas práticas sem resistência ou postura acomodada e conservadora que nada contribui para a Educação que humaniza o sujeito.

contato com o aluno. Não se trata de utilizar a Psicanálise para exigir do professor a função de analista ou o abandono da especificidade do seu papel, mas de produzir efeitos diversos em sua postura (KUPFER, 1989, p. 76).

Ao mesmo tempo em que o arte-educador deve estimular o caráter sensível do aluno e oportunizar a sua expressividade (o que sente, o que deseja, como percebe o mundo à sua volta), dando-lhe liberdade para criar, sentir e se manifestar, ele tem a missão de mostrar ao aluno os limites dessa “liberdade”, para que se realize o convívio em sociedade. Cabe ao professor a dupla tarefa de mostrar ao aluno o que é permitido e o que é proibido, buscando um equilíbrio entre ambos. Como veremos abaixo, as proibições em certa medida são necessárias, mas seu excesso pode causar danos psíquicos ao aluno.

A ausência de restrições e de orientação pode produzir delinquentes, em vez de crianças saudáveis. As angústias são inevitáveis; mesmo a infância mais feliz tem seu grão de angústia. Mas a repressão excessiva dos impulsos, como bem sabemos, pode dar origem a distúrbios neuróticos. O problema, portanto, é encontrar um equilíbrio entre proibição e permissão [...] eis a questão fundamental da Educação. As limitações do trabalho pedagógico decorrem da própria complexidade da psique humana, dos muitos obstáculos interiores ao processo de amadurecimento, do conflito entre o desejo individual e as exigências da vida em comunidade (SOUZA, 1989, p.5).

O ensino de arte, embora permita que o aluno expresse seus desejos e sensações inconscientes, possui uma estrutura e organização que não são entregues ao descontrolo ou liberdade desmedida. O ensino de arte exige do professor conhecimentos e saberes que não se resumem em práticas de simples manifestação das emoções, fenômeno este insuficiente para a produção de conhecimento, como bem alerta Ana Mae Barbosa:

Aqueles que defendem a Arte na escola meramente para liberar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a Arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional (BARBOSA, 2008, p. 21).

4 ENSINO DE ARTE E TEORIA PSICANALÍTICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Arte e Psicanálise convergem ao pensar o indivíduo, sua afetividade, sentimentos, relações e desejos. As duas áreas do conhecimento possuem preocupações que dizem respeito ao universo complexo do indivíduo. A arte permite a manifestação da singularidade do indivíduo, de sua psique e desejo inconsciente, seja por meio da criação, fruição ou reflexão. Atrelada ao indivíduo e suas manifestações subjetivas, a arte se aproxima da Psicanálise e com ela dialoga.

A arte entendida como uma manifestação do sujeito sensível possibilita a expressão dos seus anseios, necessidades, sonhos e desejos. A expressão, como define Duarte Júnior, “[...] diz respeito à manifestação de sentimentos (através de diferentes sinais ou signos). Na expressão não se transmite um

significado explícito, mas se indicam sensações e sentimentos. A expressão é ambígua e depende de uma maior interpretação daquele que recebe” (1986, p. 40). Por sentimento, Duarte Júnior entende as formas primeiras de apreensão do mundo. Os sentimentos vão desde sensações de ordem física e mental, até sensibilidade, emoções e atitudes emocionais.

As manifestações artísticas contêm em si muitos elementos do inconsciente humano. Nelas são revelados desejos, afetos, sentimentos e emoções do indivíduo que por vezes não chegam ao domínio da consciência. As experiências em arte são como excitantes viagens às complexas dimensões do indivíduo:

A arte, em todas as suas manifestações, é, por conseguinte, uma tentativa de nos colocar frente a formas que concretizem aspectos do sentir humano. Uma tentativa de nos mostrar aquilo que é inefável, ou seja, aquilo que permanece inacessível às redes conceituais de nossa linguagem. As malhas desta rede são por demais largas para capturar a vida que habita os profundos oceanos de nossos sentimentos. Ali, quem se põe a pescar, são os artistas (DUARTE JÚNIOR, 1986, p.48).

Ao considerarmos a existência do inconsciente e suas manifestações numa aula de Arte, sabemos que imprevistos e surpresas são aceitáveis, pois não há como prever e controlar toda e qualquer ação do aluno. Entendemos que o professor não detém total controle sobre si mesmo nem sobre o aluno. Mesmo que algumas práticas educacionais visem ao domínio de sala e dos procedimentos metodológicos, sabemos que a realidade inconsciente presente em cada aluno se configura de modo a impossibilitar o domínio total dos acontecimentos.

Com o caráter imponderável do inconsciente e seus desdobramentos, o professor não controla os efeitos que causa no aluno em relação ao que fala e faz. O imprevisível e o imponderável passam a fazer parte do trabalho do professor. Ao admitirmos o inconsciente, sabemos que, “embora o educador possa organizar seu conhecimento, ele não tem controle sobre o efeito que produz sobre seus alunos, mais especificamente, não tem acesso às repercussões inconscientes de tudo que ensina” (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 41).

O professor ao considerar os estudos psicanalíticos em seu fazer diário tem mais possibilidades de entender a si próprio e compreender o aluno. Ele adquire responsabilidade sobre o que fala e faz na sala de aula. O professor orientado por ideias psicanalíticas consegue lidar melhor com os problemas da sala de aula e da rotina escolar. Com a Psicanálise, o professor deixa de prezar pelo excesso de controle e passa a aceitar a existência do inconsciente em toda ação, fala e olhar do indivíduo:

[...] o educador inspirado por ideias psicanalíticas renuncia a uma atividade excessivamente programada, instituída, controlada com rigor obsessivo. Aprende que pode organizar seu saber, mas não tem controle sobre os efeitos que produz sobre os alunos [...] não conhece as muitas repercussões inconscientes de sua presença e de seus ensinamentos (KUPFER, 1989, p. 97).

O ensino de Arte está diretamente ligado ao sujeito, sua individualidade, sentimentos, emoções e percepção de mundo. O professor de Arte devidamente preparado estimula o aluno a reconhecer e

refletir sobre suas particularidades, escolhas e contato com o mundo. Como salienta Célia M. de Castro Almeida, a aprendizagem do aluno por meio de experiências em arte permite que ele se torne sensível, capaz de “perceber de modo acurado modificações no mundo físico e natural e também de experimentar sentimentos de ternura, simpatia e compaixão” (2012, p. 14-15). Márcia Strazzacappa e Tiche Vianna nos mostram a dimensão sensibilizadora do ensino de Arte presente nas quatro linguagens artísticas enquanto componentes curriculares:

A pintura, a música, a dança, a representação teatral, a escultura e tantas outras formas artísticas aguçam nossos sentidos e provocam sensações diversas nas pessoas. Uma mesma obra de arte pode propiciar sentimentos de amor e ódio, atração e repulsão. Não existe certo ou errado, pois estamos lidando com o nível do sensível, do humano (2012, p. 117).

O professor de Arte deve reconhecer que o caráter subjetivo, sensível e expressivo da arte possibilita, naturalmente, a manifestação do inconsciente do indivíduo. O ensino de Arte possui especificidades que fogem ao controle rigoroso. Quando a professora Célia M. de Castro Almeida fala da importância e atribuições do ensino de Arte, percebemos claramente que a arte atua no indivíduo de maneira muito ampla, pois suas fronteiras são pontos de encontro e comunicação com outros conhecimentos que, somados com o saber do aluno, geram aprendizagem.

As artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento. Em contato com as artes e ao realizarem atividades artísticas, os alunos aprendem muito mais do que pretendemos, extrapolam o que poderiam aprender no campo específico das artes (ALMEIDA, 2012, p. 32).

O conhecimento em arte não se limita a ele mesmo e não sobrevive sem o sujeito que o recebe, transforma e renova. O aluno quando entra em contato com a arte não pode anular sua singularidade e suas emoções. Como assevera Duarte Júnior, o aprendizado é movido pela paixão, pela emoção, pois “apenas nos dedicamos a pensar sobre aquilo que, de uma forma ou de outra, atinge nossos sentimentos. Só me disponho a refletir sobre, e a entender um pouco mais, aquilo que amo (ou mesmo que odeio, para aprender a melhor evitá-lo)” (2010, p. 92).

Padronizar os trabalhos de arte, impor modelos de criação, esperar que os alunos tenham os mesmos comportamentos e reajam igualmente aos estímulos dados pelo professor são formas equivocadas de pensar o ensino de arte. O controle da aula não está no domínio sobre os alunos e suas reações, mas na maturidade do professor em saber lidar com as adversidades, com os comportamentos inesperados, com o choro, irritação, indisciplina ou apatia do aluno. Não podemos ignorar ou rejeitar a complexidade psíquica, cultural, familiar, histórica e social que constitui cada aluno. Tudo que o aluno é se revela em seus trabalhos artísticos de criação, expressão, reflexão, exploração e indagação.

O professor de arte sempre precisa avaliar e fortalecer sua capacidade de estar em sala de aula e saber lidar com os seus imprevistos, conflitos, reações adversas e frustrações e dos alunos também. O domínio do professor está em sua capacidade de ser flexível, compreensivo, responsável, respeitoso. A comunicação com o aluno deve ser sincera, acolhedora, democrática. Como professores, devemos realmente escutar o aluno, dar-lhe atenção, oferecer ajuda, procurar entender suas reações e encontrar formas mais adequadas de estabelecer limites, de dizer “não”, “não sei”, “me desculpe”.

Uma formação profissional constante que preze pelo entendimento e estudo do sujeito gera profissionais mais preparados e dispostos para o ensino de arte. Os problemas relativos à escola, aos desafios comportamentais dos alunos e às próprias preocupações do professor em relação ao seu trabalho passam a ser tratados de outra forma, com uma abordagem que busca soluções, explora caminhos e faz mudanças em prol do sujeito da aprendizagem. Posturas autoritárias, impositivas e intimidadoras em sala de aula deixam de ser consideradas no processo educativo.

A formação do professor de Arte deve ser constante, pois o indivíduo e sua subjetividade sempre estão em processo de transformação. O professor de Arte deve conhecer o aluno, seu processo de desenvolvimento e aprendizagem e formas de comunicação com o mundo. Como explica Rejane Coutinho, a formação do professor de Arte deve abranger o conhecimento do sujeito da aprendizagem em suas várias etapas de desenvolvimento:

A formação do professor de Arte tem, portanto, este caráter peculiar de lidar com as complexas questões da produção, da apreciação e da reflexão do próprio sujeito, o futuro professor, e das transposições das suas experiências com a Arte para a sala de aula com seus alunos. Além dessa peculiaridade inerente ao objeto do conhecimento, é preciso, também, propiciar situações para que o futuro professor possa conhecer os outros sujeitos do processo: as crianças, os jovens, seus alunos. Entender como crescem e se relacionam com o meio social e cultural. Como estabelecem a comunicação e como desenvolvem as linguagens e as expressões. Enfim, como aprendem? (2008, p. 157).

5 CONCLUSÃO

Educar exige compromisso, responsabilidade e respeito pelo indivíduo. É preciso ter maturidade para sentir e entender, fazer e perceber, errar e admitir, desejar e não impor, mediar e não controlar. Os desdobramentos do educar não se restringem aos muros da escola, e o professor é atravessado por sua prática e pelo aluno a todo instante, mesmo não desejando ou percebendo. Como realizar uma prática docente sem pensar criticamente sobre ela? É aceitável banalizar o trabalho docente e ignorar o fato primordial de que atuamos com o aluno — sujeito complexo, singular e possuidor de vontade própria?

O ensino de Arte e seu diálogo com a teoria psicanalítica nos mostra que educar não é uma prática linear e rigorosamente previsível. Em razão disso, ao professor cabe a disposição para mudar, duvidar e renunciar às suas próprias convicções e posturas. A cada dia, um aprendizado, uma correção,

uma retomada, uma tentativa. Não existem receitas infalíveis para o professor que percebe a complexidade do educar. O caminho se constrói a cada aula, com o aluno.

Não conseguir desenvolver uma aula conforme o planejamento inicial nem sempre é sinônimo de fracasso ou incompetência do professor, principalmente, quando consideramos o sujeito aluno e suas manifestações que não podemos prever. Pelo contrário, o professor, quando flexibiliza suas aulas diante das proposições e comportamento do aluno, demonstra sua abertura, respeito e consideração pelo sujeito da aprendizagem. Se as aulas sempre saem como o planejado, estamos diante de uma previsibilidade e controle que não existem nas aulas de arte. A aula de arte não é do/para o professor. Ela se constrói no encontro com o aluno e para ele.

A elaboração desta pesquisa me abre novos horizontes em relação à prática docente e me ajuda a compreender as situações inquietantes que ocorrem na sala de aula. A cada encontro com o aluno, eu percebo a necessidade de reforçar minha atenção, cuidado e sensibilidade para perceber e trabalhar com o outro. Não é fácil! Conhecer o indivíduo e tentar entender seu funcionamento psíquico me ajuda a lidar melhor com os desafios da sala de aula e elaborar caminhos efetivos que despertem no aluno o interesse pela Arte, o desejo de aprender. Felizmente, começo a me distanciar do lugar de professora decepcionada, frustrada e acuada diante da realidade escolar que ainda gera em mim tantas dúvidas e inquietações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. “Concepções e práticas artísticas na escola”. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 11-38.

BARBOSA, Ana Mae. “As mutações do conceito e da prática”. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 13-25.

COUTINHO, Rejane G. “A formação de professores de arte”. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.153-159.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **A montanha e o videogame: escritos sobre educação**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** 3. ed. Campinas: Papirus, 1986.

FRANGE, Lucimar Bello P. “Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões?”. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 35-47.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

HERRMANN, Fabio. **O que é psicanálise: para iniciantes ou não...** São Paulo: Psique, 1999.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação - o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.



LAJONQUIÈRE, Leandro de. “A Palavra e as condições da educação escolar”. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: v. 38, n. 2, p. 455-469, abr./jun. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidad. Acesso em 28 out 2016.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. “Freud e a Educação”. In: **ATTA Mídia e Educação**. São Paulo: ATTA, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k11vFj0qNw0>. Acesso em: 25 out. 2016.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. “Os rumos da educação nas mãos dos educadores”. In: **Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 1999. Entrevista concedida a Ebenezer Takuno de Menezes. Disponível em: <http://www.educabrazil.com.br/os-rumos-da-educacao-nas-maos-dos-educadores/>. Acesso em: 25 out. 2016.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. “Ensino de Arte: perspectivas com base na prática de ensino”. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 161-174.

MAUCO, G. **Psychanalyse et éducation**. Paris, Aubier-Montaigne, 1979 apud PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. “Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor”. In: **Psic. da Ed.**, São Paulo, 30, 1º sem. de 2010. p. 81-96. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752010000100007. Acesso em: 08 out. 2015.

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. “Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor”. In: **Psic. da Ed.**, São Paulo, 30, 1º sem. de 2010. p. 81-96. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752010000100007. Acesso em: 08 out. 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. SHIRAHIGE, Elena Etsuko; HIGA, Marília Matsuko. “A contribuição da Psicanálise à Educação”. In: CARRARA, Kester (Org.). **Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004, p.13 - 46.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SOUZA, Paulo Cezar. Prefácio. In: KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação - o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

STRAZZACAPPA, Márcia; VIANA, Tiche. “Teatro na Educação: reinventando mundos”. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 10. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012, p.115-138.

TOREZAN, Zélia C. Facci; AGUIAR, Fernando. “O Sujeito da Psicanálise: Particularidades na Contemporaneidade”. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525 – 554, jun.2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n2/04.pdf>. Acesso em 07 ago. 2017.